
Imagem e construção de sentido: apontamentos para uma análise das relações entre interagentes e o fotojornalismo contemporâneo¹

Monique Ferreira Campos²

Carlos Pernisa Júnior³

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Resumo

O presente artigo propõe uma análise sobre o fotojornalismo em mídia digital a partir das perspectivas sobre leituras, apropriações e construções de sentidos que se dão nos espaços de interação. As reflexões se colocam diante do fenômeno da midiaticização, ressaltando algumas contribuições teóricas sobre as relações entre sujeitos e meios de comunicação na contemporaneidade, bem como referências sobre práticas culturais nas redes digitais interligadas à circulação de fotonotícias. Propomos despertar indagações sobre os processos de interação com as materialidades fotográficas em um cenário jornalístico que se estabelece e ao mesmo tempo se altera no ambiente virtual.

Palavras-chave: Cultura digital; Fotojornalismo; Interação; Midiaticização; Circulação.

1. Introdução

Ao observarmos o momento atual do fotojornalismo, percebemos uma série de transformações pelas quais a atividade passa, como a incorporação das novas tecnologias, reinvenção das práticas e o estabelecimento de uma cibercultura. Também são notórios as reafirmações e os engajamentos por reconhecimento enquanto jornalismo nos meios digitais – sobretudo no que diz sobre testemunhar e reportar os fatos. A fotografia de imprensa está em circulação nos ambientes virtuais, nos contextos de produção do conhecimento e de cidadania, configurando novas materialidades a partir do digital. Assim, o fotojornalismo não pode ser observado de forma deslocada dos modos como os interagentes constroem suas condições simbólicas.

Levando em conta esse panorama, o presente artigo busca compreender a expansão das materialidades da imagem fotográfica, especificamente aquelas que compõem as narrativas jornalísticas no cenário contemporâneo, com os olhares voltados

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: monique.campos@ufjf.br.

³ Orientador do trabalho. Professor da Faculdade de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Mídia Digital. E-mail: carlos.pernisa@ufjf.edu.br.

para as práticas culturais envolvidas nas produções de sentido. Buscamos, assim, algumas reflexões teóricas sobre o jornalismo digital e as novas formas de apresentação e apreensão da fotografia. Podemos considerar os modos de narrar, as ancoragens linguísticas e a construção de espaços de interação nas esferas das práticas culturais nas redes digitais. Trazemos, assim, a contribuição dos estudos que fazem uma atualização do conceito de processo comunicacional, revisitando, sobretudo, o âmbito da recepção.

Portanto, é imperativo refletirmos sobre a materialidade fotográfica considerando os processos de produção em fotojornalismo, os quais evidenciam uma mudança de lógicas que vão desde as questões relacionadas ao suporte – do papel ao digital – até as possibilidades de convergência, interação e de horizontalidades nos processos comunicativos. Esses novos “lugares” da atividade fotojornalística nos impulsionam a reconhecer as novas formas de leitura de imagens que podem ser potencializadas. Sob esse viés, nossa atenção se volta para as relações entre sujeitos e os meios, no que envolve o registro do real e as percepções do mundo.

A discussão aqui proposta dialoga com a concepção apresentada por Barbosa (2002, p. 75) de que é preciso perceber a comunicação como processo social, de forma que refletir sobre práticas, processos e linguagens comunicacionais é considerar a inter-relação existente em uma teoria social. A interligação entre materialidade fotográfica no jornalismo, as novas condições de visibilidade e as práticas culturais envolvidas na atribuição de sentidos e construção do conhecimento é o que nos move nessa discussão. Desse modo, que matrizes teórico-conceituais podem oferecer bases para futuras investigações sobre a materialidade fotográfica e suas relações com as estruturas sociais e construções de sentidos? O nosso intuito é o de reconhecer e nos aproximar das práticas comunicacionais e seus desdobramentos na materialidade fotográfica.

Esse é um trabalho que propõe reflexões para uma pesquisa que se inicia e pretende investigar a recepção de fotografias de imprensa e os processos de interação estabelecidos a partir de e com essas. Trata-se de uma discussão sobre o cenário do fotojornalismo e das perspectivas teórico-metodológicas que possam nos inspirar numa trajetória de compreensão qualitativa da interação. O objetivo é centrar-nos nos momentos em que a fotografia atesta sua “segunda realidade” (KOSSOY, 2009). Novas tramas, novas verdades se estabelecem a partir das leituras de imagens; é a vida do documento sob as expressões dos sujeitos.

2. Materialidade fotográfica e narrativas expandidas no contexto do jornalismo digital brasileiro

O fotojornalismo faz parte de uma lógica comunicacional em profundas transformações, sobretudo se pensarmos na evolução do jornalismo digital. Passado um período de limitação tecnológica até a sua consolidação na *web* (PALACIOS, MUNHOZ, 2007), a fotografia se firma enquanto elemento da narrativa jornalística, integrando a concepção de um jornalismo digital. Uma organização da sociedade em rede⁴, que desenvolve e potencializa um jornalismo nas redes. É perceptível o surgimento de novas técnicas de produção da mesma forma que um movimento de reforço da legitimidade jornalística nos ambientes virtuais.

A existência desses aspectos dialogam com o conceito apresentado por Sousa (2002, p. 7) de que “o fotojornalismo é, na realidade, uma atividade sem fronteiras claramente definidas”, ao abranger notícias, projetos documentais, imagens ilustrativas, aquelas que conseguem resumir acontecimentos (*features photos*) e as que trabalham sob o regime do instante decisivo⁵. O reconhecimento desses trânsitos entre gêneros fotográficos e diferentes formas de apresentação já indicam um entendimento da fotonotícia enquanto presença nos processos sociais, desvinculando-se dos padrões de objetividade. Quando circunscreve o trabalho fotojornalístico à “descrição/narração fotográfica do acontecimento” (SOUSA, 2002, p. 8) e também quando ressalta os valores-notícia enquanto meios de significação da fotografia, Sousa situa a materialidade fotográfica com base nos modos de fazer: o registro imagético sobre o mundo; a prática de imprensa que materializa, na imagem estática, acontecimentos que podem ser “vistos como socialmente relevantes” (SOUSA, 2002, p.17).

A presença da fotonotícia na *Web* evidencia, ainda mais, as mudanças profundas no entendimento do fotojornalismo que Sousa (2002) de certa forma tangencia em sua obra, sobretudo quando aponta os aspectos narrativos das fotonotícias. O jornalismo digital e as formas como os aparatos midiáticos são usados culturalmente reforçam os elementos de criação/autoria e a construção noticiosa, vinculando-os aos

⁴ Apoiamo-nos no termo designado por Manuel Castells para as mudanças na organização social que marcam um novo paradigma, baseado nas tecnologias de comunicação e informação: uma lógica de rede. CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 21 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

⁵ Termo criado pelo fotógrafo e teórico Henri Cartier-Bresson sobre o momento em que a fotografia se alinha com o olhar do fotógrafo; o instante em que a imagem se transforma em portadora da mensagem. CARTIER-BRESSON, Henri. **O imaginário segundo a natureza**. São Paulo: GG Brasil, 2004.

critérios de noticiabilidade. Podemos observar, assim, que os meios digitais acentuaram o fazer fotográfico para além do registro, proporcionando outras relações entre imagens, suportes e sujeitos.

Passada a época de simples transposição de conteúdos entre os meios, observamos, atualmente, tanto a apropriação de fotografias para o suporte digital quanto produções concebidas diretamente na *Web* – em maior número –, possibilitando novas narrativas do fato jornalístico (MUNHOZ, 2007). Os fluxos, hibridismos de técnicas e formas narrativas das produções para os contornos da *Web*, bem como associações com outras linguagens, materializam a fotografia enquanto campo de expressão, deixando ainda mais visíveis os modos de fazer que vão para além do documento, para além de um atestado dos fatos.

Esses movimentos do fotojornalismo encontram concordâncias nas análises de Rouillé (2009), ao afirmar que a fotografia não desempenha mais o papel de aplicar verdades pertinentes. O sentido tem necessidade de uma escrita fotográfica que faça a imagem transbordar os limites do registro, expandindo formas de significar fenômenos e acontecimentos. Esses valores da imagem fotográfica ligam-se às mudanças na própria sociedade, no que diz respeito às noções de real, de referente, aos regimes de verdade e de representações. Construída do início ao fim, a fotografia produz mundos (ROUILLÉ, 2009, p. 18), e a expressão dos acontecimentos requer um trabalho de exploração da linguagem fotográfica, uma escrita que retém o sentido em suas redes (ROUILLÉ, 2009, p. 168). Com base nessas ideias, podemos observar a materialidade fotográfica nos fluxos dos meios digitais, em que as intervenções são maiores e caminha-se para menores reduções da fotografia ao funcionamento do dispositivo na pauta fotográfica.

Parece contraditório falarmos em materialidade fotográfica quando nos referimos à imagem digital, em que o suporte físico não é o papel e sim uma tela digital. Não se trata mais da perenidade do papel, mas do caráter transitório do arquivo digital. Por outro lado, instauram-se regimes de visibilidade em que os arquivos são facilmente multiplicados e acessados. Quanto mais a fotografia circular, mais valor ela terá, sendo que cada cópia é um novo original (GOVEIA, 2009). Essa condição provoca mudanças cruciais nas relações com a fotografia, nas configurações dos nossos repertórios visuais, memórias (privada e coletiva) e distribuição.

No caso do jornalismo digital, percebe-se a materialidade fotográfica enquanto dimensão do campo de expressão, que é múltiplo. A ampliação dos espaços expositivos

e dos fluxos entre eles pode ser observada, primeiramente, na composição visual dos jornais na *Web* e na apresentação da fotografia em caráter hipermediático⁶. Um exemplo é a exibição das fotografias em galerias, que permitem o acesso a uma série de imagens produzidas em uma pauta fotográfica. Nos espaços expandidos dos veículos *online*, projetos fotográficos documentais e ensaios ficam mais presentes dentro dos jornais⁷.

Outros movimentos significativos foram os dos fluxos de fotonotícias para os *photoblogs* e *sites* de compartilhamento – como o Flickr –, em seguida para comunidades virtuais como Facebook e Twitter, e mais recentemente para aplicativos de mensagens – como WhatsApp. Caso especial é a apropriação por parte dos jornais e fotojornalistas da plataforma de compartilhamento instantâneo de imagens Instagram. Essa rede social possibilita que os usuários postem fotos, façam uso de diferentes recursos de edição e *hashtags* – marcadores. As *hashtags* funcionam enquanto catalogadoras de conteúdo com vistas à ampliação da visibilidade de fotografias. Renomados profissionais se juntaram ao Instagram, bem como outras novas categorias de fotógrafos estão surgindo completamente apoiadas no aplicativo (VIEIRA, 2016).

Além dos próprios veículos jornalísticos, os profissionais gerenciam perfis no Instagram, em que compartilham as coberturas fotográficas e estabelecem conexões com seus seguidores. Outro aspecto relevante é o fato das redes sociais atuarem também na divulgação de projetos documentais e artísticos de fotojornalistas, que ganham autonomia em muitas produções. No que diz respeito aos perfis de jornais, parte significativa dos internautas passa a interagir com o noticiário a partir das redes sociais, muitas vezes por conta do acesso às notícias nos portais ser exclusivo para assinantes, enquanto as redes sociais apresentam conteúdo aberto mesmo que incompleto. Se considerado o Instagram, este acesso à notícia se dá particularmente mais voltado para a fotografia, a “capa” de todas as postagens⁸.

⁶ Percebe-se o estabelecimento de diferentes cenários no ambiente jornalístico virtual. Um deles é o dos jornais tradicionais na *web*, como O Globo <https://oglobo.globo.com/>, Folha de S. Paulo <https://www.folha.uol.com.br/> e O Estado de S. Paulo (Estadão) <https://www.estadao.com.br/>. Outro cenário é o de criação de espaços hipermediáticos dentro de grandes organizações midiáticas, estabelecendo processos de convergência, como o Portal G1 <https://g1.globo.com/> e o Portal R7 <https://www.r7.com/>. Há ainda os veículos nativos digitais, como o Nexo Jornal <https://www.nexojournal.com.br/>, Agência Pública <https://apublica.org/> e o The Intercept Brasil <https://theintercept.com/brasil/>.

⁷ O site da Folha é um exemplo: <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/09/documentario-faz-retrato-afetivo-de-escola-publica-na-preparacao-para-o-enem.shtml?origin=folha>.

⁸ Ressaltamos o caso do jornal O Estado de S. Paulo (Estadão) e o uso da rede social *Instagram* <https://www.instagram.com/estadao/?hl=pt-br>. O veículo utiliza o recurso *stories* como parte da produção nas edições do noticiário interativo *Drops*.

Novas relações podem ser observadas com o texto, elemento imprescindível da mensagem fotojornalística, cuja função primordial está em ancorar o significado da imagem, direcionando a leitura (SOUSA, 2002). Os *websites* trouxeram mudanças em relação ao que era praticado no impresso, mas as redes sociais praticamente estabeleceram uma nova formatação e composição do material imagem/texto. Marcações de lugares e pessoas, *hashtags*, buscadores – indexação –, além de referências a partir de *links* assumem configurações de legendas e promovem novas experiências de sentidos. No Instagram, por exemplo, fica bastante claro que as imagens detêm maior poder sobre a noticiabilidade.

O *design* da *Web* trouxe diferentes experiências de fruição a partir da presença de fotografias na composição das interfaces, estando essas relacionadas a textos ou a outras imagens, como infográficos. Mapas de navegação em grandes reportagens multimídia são possibilitados a partir das informações visuais contidas nas fotografias, indicando variadas formas de interatividade com as notícias⁹. O cenário do fotojornalismo na *Web* evidencia ainda o fenômeno do jornalismo convergente, em que as formas próprias da fotografia estão em diálogo constante com outras linguagens, como a audiovisual¹⁰.

As possibilidades oferecidas pelas novas tecnologias também conduziram as reportagens para formatos dentro de um conceito que ficou conhecido como jornalismo imersivo. A fotografia, assim como os demais elementos, é trabalhada como forma de conduzir a uma experiência em primeira pessoa, em que há sensação de presença no tempo e no espaço do fato noticiado (COSTA, 2018). Assim, foi proporcionado ao jornalismo um mundo de experimentações narrativas, seja pelas fotografias e vídeos 360 graus¹¹, *newsgames*, ou ainda pelas experiências em Realidade Virtual (RV) e Realidade

⁹ Disponibilizamos alguns *links* para grandes reportagens multimídia em que podemos destacar a narrativa visual e as interatividades: **Trabalho escravo existe?** <http://g1.globo.com/economia/trabalho-escravo-2014/platb/#inicio>; **SP 462** <https://infograficos.estadao.com.br/public/especiais/sp462/>; **Sozinhas – Histórias de mulheres que sofrem violência no campo** http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/ violencia_contra_mulheres_do_campo/sozinhas.html; **Crack – A invasão da droga nos rincões do sossego** <https://infograficos.estadao.com.br/especiais/crack/>; **As quatro estações de Iracema e Dirceu** http://www.clicrbs.com.br/sites/swf/DC_quatro_estacoes_iracema_dirceu/menu.html.

¹⁰ A TV Folha <https://m.folha.uol.com.br/tv/> é um caso de *convergência* entre *foto* e *videojornalismo*.

¹¹ No Brasil, alguns exemplos de narrativas visuais imersivas são das reportagens “Desastre ambiental em Mariana-MG: a tragédia em 360” <http://especiais.g1.globo.com/jornal-nacional/2015/desastre-ambiental-em-mariana-mg/a-tragedia-em-360/>; “Bahia 360” <https://apublica.org/especial/bahia-360/> e de materiais produzidos na TV Folha https://www.youtube.com/playlist?list=PLEU7Upkdqe7FmG6wsKkFkY1ay_IAT1M25.

Aumentada (RA). Transformações na visualização de imagens no ciberjornalismo podem ser observadas sob os aspectos das subjetividades dos interagentes e das participações ativas junto aos repórteres fotográficos na narrativa visual.

O fotojornalismo presente no ambiente virtual é consequência das implicações de outro fenômeno de reconfiguração da produção e recepção das notícias: o jornalismo móvel, modalidade de produção noticiosa por meio de tecnologias como *smartphones* e *tablets*. A prática é caracterizada pela mobilidade física e informacional para a produção de conteúdos diretamente do local do evento, cujas condições são potencializadas pela portabilidade e ubiquidade, além do aspecto de espacialização contextualizada com a geolocalização da notícia (SILVA, 2015, p. 9). Percebe-se o jornalismo móvel como dimensão relevante na interação entre sujeitos e as fotonotícias. Podemos destacar as coberturas de *hard news*, a emissão instantânea de notícias pelas redes sociais, o estabelecimento de interfaces para leitura nos dispositivos móveis, além de uma mobilização temática voltada para a percepção dos espaços urbanos e comunitários.

Perceber as materialidades e valores dentro desse cenário atual do fotojornalismo nos leva a considerar a coexistência de meios e práticas culturais, principalmente no contexto brasileiro. Tomando como base o pensamento de Williams (2011), analisar as interações com as fotonotícias requer reconhecer nossa experiência social inserida em uma cultura efetiva e dominante, sendo que o ambiente de rede também é o de grandes corporações e centralismos nas relações de poder e de mercado. Práticas alternativas são incorporadas ou oferecem resistências, além das práticas residuais que se mantêm. Essas variações estão presentes em uma cibercultura em movimento, nos significados estabelecidos com o fotojornalismo nos veículos impressos, nos livros de reportagens, nas produções de fotografias em papel e suas interfaces com exposições artísticas, documentos históricos, memórias particulares, entre outras.

As artes da escrita e as artes de criação e da representação são, em todo o seu leque, partes do processo cultural em todos os modos e setores diversos que estou tentando descrever. Elas contribuem para uma cultura dominante efetiva e são uma dentre as articulações centrais. Elas encarnam significados e valores residuais, nem todos eles incorporados, embora muitos o sejam. Elas também expressam, significativamente, algumas práticas e significados emergentes, embora alguns dentre eles venham a ser eventualmente incorporados ao atingirem as pessoas e começarem a movê-las (...). Nesse processo, obviamente, a cultura dominante se altera, não em sua formação central, mas em muitos de seus traços articulados. Mas então, em uma sociedade moderna, ela deve sempre mudar nesses moldes se quiser

manter-se dominante, se ainda quiser ser sentida como realmente central em todas as nossas atividades e interesses (WILLIAMS, 2011, p. 63).

3. Eu fotografo: questões relativas à participação, interação e circulação

Na primeira parte do artigo, propomos reflexões sobre uma lógica midiática estruturante da sociedade contemporânea, a qual está nas condições das materialidades e nas interações com o fotojornalismo, sendo estes os usos sociais, as apropriações e ressignificações da informação. Nesta segunda parte, inspirados em Braga (2012), buscamos perspectivas para a problemática das leituras e construções de sentido sobre as fotonotícias. Tomamos como base o fenômeno da midiatização e as considerações feitas pelo autor sobre a “entrada experimental de participantes sociais nas práticas e processos antes restritos à indústria cultural” (BRAGA, 2012, p. 34), bem como sobre práticas inventivas que produzem processos interacionais (BRAGA, 2012, p. 37).

Vivenciamos uma recepção de notícias mais individual – cada pessoa imersa no mundo de sua tela digital –, sobretudo quando tratamos das possibilidades do jornalismo móvel. Simultaneamente, somos seres participantes de uma nova configuração social, midiatizada, em que exercemos a coletividade por meio de muitas produções comunicacionais. Estamos mais aparelhados, produzindo imagens técnicas, concebendo-as de forma a imaginar o mundo em diversos processos de simbolização, baseando-nos nos termos de Flusser (1985). Com a mobilidade informacional possibilitada pelas câmeras digitais e, sobretudo, *smartphones* e *tablets*, vivenciamos o papel de operadores dos aparelhos e atuamos dentro dos programas. Temos mais conhecimentos e comportamentos técnicos, automatizados muitas vezes. Em outras vezes, o papel de criadores, ao conseguirmos atravessar o “interior da caixa preta” (FLUSSER, 1985, p. 15) exercendo rupturas e protagonismos sobre o mundo simbólico.

No que se refere à fotografia de imprensa, é perceptível a dimensão alcançada pelo que ficou conhecido como jornalismo participativo ou jornalismo cidadão, principalmente nas práticas culturais que se voltam para os dispositivos móveis. Conforme o conceito apresentado por Palácios e Munhoz (2007), trata-se da participação do cidadão na produção de imagens com valor jornalístico, consolidando a convivência entre circuitos de informação da mídia tradicional com os alternativos – por alternativos entendemos tanto as articulações com organizações jornalísticas, de caráter

colaborativo, como também projetos de mídia cidadã. O estabelecimento do jornalismo participativo na Internet, com a criação de espaços nos portais, promoveu usos e apreensões da fotografia, visibilidade às experiências individuais de acontecimentos (PALÁCIOS; MUNHOZ, 2007, p. 12), além de espaços de vanguarda e crônica sobre esses (PALÁCIOS; MUNHOZ, 2007, p. 13)¹².

Atualmente, vivenciamos um período em que há um reforço das práticas do fotojornalismo participativo, em virtude do contexto da pandemia, da experiência social que está sendo o isolamento. Logo, os veículos de comunicação têm construído narrativas visuais do cotidiano em quarentena que dependem de fotografias enviadas pelos interagentes ou a partir de suas produções em redes sociais próprias¹³. Percebe-se a formação de novos contornos para as práticas de interatividade e noticiabilidade, seja no uso de aplicativos para envio e recebimento do material jornalístico como também nas atuações motivadas pelos veículos para envolvimento na elaboração e distribuição de conteúdos de interesse público. Além disso, a entrada das redes sociais trouxe novos contornos e experiências de fotojornalismo participativo, com caminhos possíveis além daqueles traçados nos *websites*.

Ao relacionarmos o aperfeiçoamento dos aplicativos e das redes móveis com as delimitações do jornalismo cidadão, podemos observar as ações voltadas para as fotonotícias, o que está evidente nas reportagens atuais sobre o contexto da pandemia. É possível percebê-las nos enquadramentos a partir de personagens, nas promessas de informação ágil e inédita – que se baseia em abordagens diferentes das tradicionais – ou no anseio, por parte dos interagentes, por reportar acontecimentos e exercer a crítica.

Ao experimentarem práticas mediáticas, ao se inscreverem, para os seus objetivos interacionais próprios, em circuitos midiáticos, ao

¹² Os veículos O Globo e Estadão mantiveram, durante alguns anos, os canais “Eu Repórter” (O Globo) e “Você no Estadão”. A Folha solicita, até o momento atual, a contribuição dos leitores via seção <https://www1.folha.uol.com.br/falecomafolha/>, assim como o jornal A Gazeta <https://www.gazetaonline.com.br/enviar-conteudo>. Uma iniciativa recente de participação dos internautas na construção de uma reportagem é o projeto da Pública <https://apublica.org/2020/06/o-governo-esta-tentando-esconder-os-mortos-da-covid-19-nos-ajude-a-investigar-essas-historias/>.

¹³ Alguns exemplos de participação dos cidadãos na produção de imagens e *selfies* em virtude do contexto de isolamento social: “Sem estrutura em casa, estudantes lutam para se preparar para o Enem” <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/enem-e-vestibular/sem-estrutura-em-casa-estudantes-lutam-para-se-preparar-para-enem-2020-24428125>; “Nem todos têm acesso à internet para usar a plataforma das aulas”, diz aluna de escola técnica” <https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2020/07/nem-todos-tem-acesso-a-internet-para-usar-a-plataforma-das-aulas-diz-aluna-de-escola-tecnica.shtml>; “Dificuldades são contornadas com poucos privilégios e autodidatismo” <https://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,dificuldades-sao-contornadas-com-poucos-privilegios-e-autodidatismo,70003416511>.

darem sentidos específicos ao que recebem e transformam e repõem em circulação – os campos sociais agem sobre os processos, inventam, redirecionam ou participam da estabilização de procedimentos da mediação. Essa processualidade interacional inevitavelmente repercute sobre o próprio perfil do campo – por exemplo, incidindo sobre o equilíbrio das forças que o desenham em dado momento, abrindo possibilidades para determinadas linhas de ação e fechando outras, exigindo diferentes tipos de ajuste ao contexto. Mas isso também requer invenção social (BRAGA, 2012, p. 45).

Canavilhas e Rodrigues (2012), no entanto, apresentam investigações que demonstram os meios de comunicação em uma contínua preservação do papel de *gatekeeping* no controle da participação, até porque em muitos casos a participação cidadã funciona em canais separados e bem delimitados dos conteúdos profissionais. Não estão presentes elementos básicos do jornalismo nesses conteúdos, portanto, o autor critica o próprio uso do termo “jornalismo” para essa atividade de participação cidadã. Voltando-nos para os *websites* de veículos tradicionais brasileiros, como Folha de S. Paulo, Estado de S. Paulo e O Globo, percebemos equivalências ao que Canavilhas e Rodrigues descrevem, como a predominância da participação no repasse de informações como histórias vividas e testemunhos. A coleta para posterior tratamento do conteúdo textual ou imagético é a prática mais frequente.

Entretanto, nas plataformas de compartilhamento e redes sociais, os espaços de interação entre sujeitos e jornais são mais diversificados, sobretudo se considerarmos as áreas destinadas à fotografia amadora, às apropriações e experimentações com a mensagem fotográfica, além da indexação e do uso de *hashtags*. Nessas redes, as trocas prezam pela velocidade e imediatez, sendo que o conteúdo participativo é usado na composição jornalística, numa espécie de hipernarrativa. Torna-se frequentemente observável uma “redefinição de protocolos de comunicação”, um “redesenho de ambientes” e ainda “novas concepções e natureza de vínculos”, utilizando os termos cunhados por Fausto Neto (2009) para compararmos o que se deu dentro dos *websites* e o que se converteu em estratégias editoriais para as novas redes. “O próprio ‘sistema social de resposta’, criado pelo ambiente produtivo e que induz a participação do leitorado a um trabalho de interação, entra em crise ao não suportar as injunções do novo modo de operar dos dispositivos de circulação” (FAUSTO NETO, 2009, p. 12).

Partindo das considerações dos autores apresentados, podemos analisar os aspectos da interação com as fotonotícias com base nos conceitos apresentados por

Primo (2000) de sistemas abertos e fechados; de interação mútua e reativa. Consideramos, assim, as estruturas de convocação ao jornalismo participativo dos portais tradicionais como sistemas mais fechados, que proporcionam uma interação reativa, ou seja, limitada, pré-determinada e superficial entre as partes. Já as redes sociais dos jornais acabaram se tornando ambientes de mais trocas efetivas e, pela estrutura oferecida a algumas práticas comunicacionais, além de fatores contextuais – em que o interagente assume mais o controle da cena produtiva –, prometem redefinições no ambiente da informação jornalística e interdependência. Porém, é possível identificar processos iniciados nas redes sociais afetando interfaces de apresentação das fotonotícias nos *websites*, além de interações¹⁴. Há também trânsitos entre sistemas fechados e abertos, em que é possível construir relações e significações.

As ideias apresentadas por Primo, em diálogo com as formas em que se materializa um fotojornalismo participativo, levam-nos a considerar a superação de um modelo comunicacional em que a participação se dá enquanto uma interação reativa, uma passagem de mensagens do polo receptor para o polo produtor, configurados por zonas bem definidas, estanques. As possibilidades que atualmente se abrem no jornalismo digital indicam um movimento da narrativa fotográfica mais voltado para a interação mútua, em que há mais negociações entre interagentes, interdependências, vínculos, além de possibilitar engajamentos no sistema simbólico. Assim, o pensamento sobre o próprio processo comunicacional é redefinido nesse esmaecer das fronteiras entre produção e recepção, no entendimento de que os receptores não estão em condição de total desprovemento e constituem as formas de organização de circulação de discursos (FAUSTO NETO, 2010).

Ao analisar o contexto social em que o conceito de circulação pode ser compreendido, Fausto Neto (2009) atenta para o fato de que se entendia todo o processo comunicacional com base na unilateralidade: tudo se organizava no lugar da produção; receptores eram convertidos em audiências e as mensagens eram fluxos numa zona de passagem entre esses dois pólos. Tal entendimento expurga a complexidade e a constituição da produção de sentido, como o próprio autor ressalta. Sobretudo, desconsidera o cenário comunicacional contemporâneo, marcado por novos regimes de discursividades, onde a circulação se nutre como um lugar de produção, funcionamento

¹⁴ Um exemplo de afetações entre meios e possibilidades de leituras são os *webstories*, usados pela Folha <https://www1.folha.uol.com.br/webstories/> e pelo O Globo <https://oglobo.globo.com/webstories/>.

e regulação de sentidos.

Problemáticas vão sendo eleitas na medida em que se complexifica o regime de funcionamento da mídia, particularmente suas estratégias e táticas voltadas para a produção de significados, para a definição de públicos fidelizados. Também com a constituição de campos sociais que disputam os processos de construção dos seus mercados discursivos, nos quais a luta pelo trabalho de produção complexifica-se com a intervenção de novos processos e dispositivos (midiáticos) técnico-discursivos na organização dos protocolos de interação e de organização da vida social (FAUSTO NETO, 2009, p. 3).

De fato, todos nós, usuários das mídias digitais e envolvidos em processos de midiaticização, temos a fotografia como elemento importante das nossas práticas sociais e que consolida vários fluxos de interação e culturas visuais. Produzimos, manipulamos e compartilhamos mais imagens em nosso cotidiano; construímos narrativas próprias, assim como recebemos e visualizamos inúmeras fotografias diariamente. Logo, as imagens configuram presença marcante em nossas experiências mediadas e experiências interativas com variadas narrativas, entre elas, o fotojornalismo. Ademais, veículos estabelecidos nas redes mantêm convocatórias de participação em conteúdos abertos e em sistemas de compartilhamento de informações, sustentando um cenário dinâmico e diverso de percepções e relações com a realidade, bem como de sentidos construídos.

A fotografia é um registro criativo e, quando criada, transpõe-se de uma primeira realidade – do assunto em si, no passado – para uma segunda realidade – do assunto representado dentro dos limites da imagem fotográfica, o que independe da primeira –, conforme a perspectiva de Kossoy.

Seria esta, enfim, a realidade da fotografia: uma realidade moldável em sua produção, fluida em sua recepção, plena de verdades explícitas (análogas, iconográficas, sua realidade exterior) e de segredos implícitos (sua história particular, sua realidade interior), documental porém imaginária (KOSSOY, 2009, p. 47).

Os cenários de interação e fluxos das redes digitais trazem, para as sucessíveis construções de novas realidades por meio da circulação, diferentes compreensões e novas tramas para as fotografias, seguindo as ideias propostas pelo autor. Novas existências e cenas discursivas compõem a complexidade das relações e representações contemporâneas. Portanto, a multiplicação das imagens técnicas e a ampliação das

visibilidades – e também dos apagamentos – atentam para a atuação dos sujeitos produtores de imagens e para as trajetórias de sentidos que se desenham.

Analisar a circulação de fotonotícias nas redes midiáticas, considerando os elementos que envolvem leituras e construções de sentidos, remete-nos à complexidade dos fluxos comunicacionais em um cenário que demonstra a urgência de tratarmos a circulação não em caráter transmissional. Buscamos Fausto Neto (2010) ao nos apresentar a ideia de reconfigurações das lógicas a partir dos interagentes.

Os mídias não são apenas compêndios de um processo interacional, mas oferecem seus postulados e lógicas para a própria organização social. Instituem, por suas novas feições, zonas complexas de intensos *feed-backs* entre os atores removendo posições, redefinindo protocolos de comunicação, estabelecendo novas concepções e natureza de vínculos, alterando espacialidades e temporalidades sobre as quais se funda o ato comunicativo (FAUSTO NETO, 2010, p. 11).

4. Considerações finais

A midiaticização, enquanto processo social contemporâneo, revela a constituição de sociabilidades na Internet e produções midiáticas que se materializam em um espaço informativo e expositivo de renovação a cada instante. As fotonotícias estão inseridas nessa ambiência digital, reverberando práticas comunicacionais multimidiáticas, interativas, imersivas, diretamente associadas aos modos de participar das redes de informação e expressão. Desse modo, o debate teórico leva a observar as experiências individuais e coletivas com as imagens técnicas na atualidade, trazendo questões sobre novas características e trajetórias de construção de sentidos e conhecimento. Também incentiva a trazer e a colocar em relevo a instância da circulação em uma análise das transformações culturais.

Em uma pesquisa sobre a sociedade contemporânea, procuramos evidenciar toda a complexidade das atuações em meio às tecnologias digitais, com vínculos muito presentes de tradições comunicacionais da cultura de massa. Novos modos de enunciação estão presentes na cena atual, sendo que a esta enunciação, como foi demonstrado, se dá a partir de todos os atores sociais, não só de uma instância produtora tradicional.

Barbero (2004, p. 229) convoca-nos a pensar “as mediações comunicativas da cultura” e, levando em consideração esse aspecto, abrem-se caminhos de análises das

fotonotícias inscritas na dinâmica da construção de sentidos nos ambientes virtuais, nas afetações e apropriações. A fotografia, portanto, está situada no contexto da “ritualidade”, que, segundo Barbero (2004, p. 232), constitui gramáticas de ação, usos sociais e trajetórias de leituras. Abre-se, assim, uma discussão sobre os hábitos e relações estabelecidas com as mídias digitais, sendo ponto essencial o “lugar” do sujeito na ação transformadora da comunicação.

A partir das discussões aqui apresentadas, desafios metodológicos se abrem com a proposta de se pesquisar fotojornalismo e interação. Essa temática geral traz questões sobre as lógicas científicas a que podemos recorrer para analisá-la. De início, apresentam-se as problemáticas das alterações da cultura dominante e como ela se mantém (WILLIAMS, 2011) na produção fotojornalística digital. Discute-se também a condição comunicacional contemporânea e as suas relações constitutivas na cultura (BARBERO, 2004). Por fim, observar a circulação das fotonotícias nas redes digitais nos leva a considerar as operações simbólicas ali contidas. A emergência desse novo contexto comunicativo traz a questão se há uma condição transformadora nas maneiras de conceber e agir sobre as realidades. Da mesma forma, como isso se dá nos rearranjos das sociabilidades, ao nos voltarmos para as produções de sentido ali implicadas.

5. Referências bibliográficas

BARBOSA, Marialva. Paradigmas de construção do campo comunicacional. In: WEBER, Maria Helena, BENTZ, Ione e HOHLFELDT, Antônio. **Tensões e objetos da pesquisa em comunicação**. Porto Alegre: Sulina, 2002. pp. 73-79.

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. IN: JANOTTI JR, Jeder; MATTOS, Maria Ângela e JACKS, Nilda (orgs.). **Mediação & Mídia**. Salvador/Brasília: EDUFBA/Compós, 2012. p. 31-52. Disponível em http://www1.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20180205111302.pdf. Acesso em: 22 jul. 2020.

CANAVILHAS, João; RODRIGUES, Catarina. O cidadão como produtor de informação: estudo de caso na imprensa online portuguesa. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol. 9 n. 2, jul-dez 2012. p. 269-283. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/274670823_O_cidadao_como_produto_r_de_informacao_estudo_de_caso_na_imprensa_online_portuguesa . Acesso em: 7 ago. 2020.

COSTA, Luciano. **O jornalismo imersivo como experiência do acontecimento**. In: XVI SBPJor, São Paulo. Anais do XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, 2018. P. 1-17. Disponível em <http://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2018/paper/viewFile/1259/735>. Acesso em: 20 jun. 2020.

FAUSTO NETO, Antonio. **A circulação além das bordas**. Paper apresentado no Colóquio "Mediatización, sociedad y sentido". Convênio CAPES/MYCNCT, Agosto/2010, Universidade Nacional de Rosário, Argentina. p. 2-17. Disponível em: <http://www.fcpolit.unr.edu.ar/wp-content/uploads/Mediatizaci%C3%B3n-sociedad-y-sentido.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2020.

FAUSTO NETO, Antonio. Olhares sobre a recepção através das bordas da circulação... In: Anais — XVIII Encontro Anual da Compós — Associação Brasileira dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Belo Horizonte, MG: PUC-MG, 2009. Disponível em http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1164.pdf. Acesso em: 3 jul. 2020.

FLUSSER, Vilém. **A filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo: Hucitec, 1985. 92p.

GOVEIA, F. **Materialidade e imaterialidade; memória e fotografia**. *Studium*, (28), 40-57. Recuperado de <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12355>.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009. 155p.

MARTIN-BABERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo - Travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MUNHOZ, Paulo. Estágios de desenvolvimento do fotojornalismo na internet. **Diálogos & Ciência** - Revista da Rede de Ensino FTC. Ano V, n. 11, set. 2007.

PALÁCIOS; Marcos, MUNHOZ, Paulo. Fotografia, blogs e jornalismo na internet: oposições, apropriações e simbioses. In: BARBOSA, Suzana (Org.). **O jornalismo digital de terceira geração**. LABCOM BOOKS, Universidade da Beira Interior, Covilhã 2007. Disponível em http://www.labcom.ubi.pt/livroslabcom/fichas/ficha_barbosa_jornalismo_online.html. Acesso em: 3 jul. 2020.

PRIMO, Alex. Interação mútua e reativa: uma proposta de estudo. **Revista da Famecos**, n. 12, jun. 2000. p. 81-92. Disponível em <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3068/2346>. Acesso em: 27 abr. 2020.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo móvel**. Salvador : EDUFBA, 2015. 53 p.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa**. Porto, 2002. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-fotojornalismo.pdf>. Acesso em: 18 set. 2019.

VIEIRA, Thaís de Moraes. **O impacto do Instagram no fotojornalismo atual**. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo). Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em <https://pantheon.ufrj.br/bitstream/11422/5793/3/TVieira.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. Bauru: Editora Unesp, 2011. 408p.